



Projeto Diálogos com o Ensino Médio

Curso de Atualização Juventude Brasileira e Ensino Médio Inovador - JUBEMI

Novembro, 2012

Módulo V

Eixo Temático III

Juventudes e Territórios: O Campo e a Cidade

Autoria

Maria Zenaide e Igor Oliveira

MÓDULO 5 - EIXO TEMÁTICO 3

JUVENTUDES E TERRITÓRIOS: O CAMPO E A CIDADE

INICIANDO O MOSAICO

Car@ cursista,

Este Eixo Temático pretende provocar algumas reflexões sobre a relação entre juventude, territórios e escola. Esse é um aspecto muito importante para ampliarmos nosso olhar sobre a educação e sobre a própria escola. Mas o que a noção de *territórios* tem que ver com juventude e escola?

Como pensar a relação entre territórios e educação? E o que territórios têm a ver com juventude? Você já parou para perceber o território em que você vive e em que a escola em que você trabalha está inserida? A rua, o bairro, a comunidade, o distrito ou o povoado em que habitamos dizem muito a respeito de nossas vidas e também a respeito do modo como nos relacionamos com os outros e com as coisas ao nosso redor.

Imagine uma pessoa que mora em um apartamento localizado em um prédio no centro de uma metrópole do Brasil. Trânsito de pessoas e veículos, grandes avenidas e ruas agitadas, comércio intenso são peças que conformam o território onde essa pessoa vive. Essa mesma pessoa pode usufruir de uma série de serviços, opções de lazer, transporte e outras facilidades, por um lado, mas também pode ter algumas perdas em relação à vivência nesse território, por outro. Por exemplo, suas possibilidades de conversar com um vizinho na rua ou de ter uma vivência comunitária no bairro podem ser reduzidas não é mesmo? Ela pode trabalhar em uma escola distante de sua casa e, conseqüentemente, conhecer muito pouco a realidade dos estudantes com os quais trabalha. De um lado, as mídias a conectam com o mundo, promovem informação e entretenimento; de outro, as distâncias, o “rush” e a insegurança podem restringir seus movimentos neste território.

Agora, imagine outra pessoa que vive em uma cidade pequena, no interior do país. Sua vida pode ser bastante diferente daquela que mora na metrópole. Ela pode conhecer e ter uma relação mais próxima com seus vizinhos e com as pessoas da própria cidade, participar da vida comunitária e até mesmo conhecer as famílias e os estudantes de sua escola: onde moram, como vivem, com quem convivem, etc. Por outro lado, esta

pessoa às vezes precisa se deslocar para uma cidade grande, quando necessita de alguns serviços públicos, como um atendimento médico mais complexo, ou tem de se deslocar para comprar algo que não tenha em sua cidade.

Estas situações hipotéticas descritas acima sobre a vida em uma grande metrópole e a vida em uma cidade pequena podem também ser diferentes pela razão de as vivências em ambos os territórios serem variadas. Existem determinados padrões de vida que podem ser influenciados pelos territórios, mas isso não deve ser visto de forma determinista. Pode ser que, alguém vivendo em uma cidade pequena não se relacione com a vizinhança e com os alunos da escola e, pode ser que alguém morando em uma cidade grande viva e trabalhe no mesmo bairro, tendo uma vivência comunitária ativa ou que, mesmo morando longe do trabalho, encontre estratégias para se aproximar da realidade dos seus alunos. As vivências nos diferentes territórios, portanto, podem ser múltiplas.

Por fim, imaginemos uma situação em que *juventude*, *territórios* e *escola* possam estar diretamente relacionados. Pensemos em uma escola localizada num município considerado médio, com uma população considerável que viva no campo. Imaginemos ainda que grande parte dos jovens estudantes que frequentam essa mesma escola venham das áreas rurais. Certamente uma escola como esta possui características particulares que devem ser levadas em consideração. Essa escola pode funcionar da mesma forma que uma escola que recebe estudantes urbanos? Como trabalhar no interior da escola com as vivências trazidas pelos estudantes em seus territórios, seus conhecimentos e práticas nos processos educativos? Essas são algumas das questões que discutiremos nesse eixo temático.

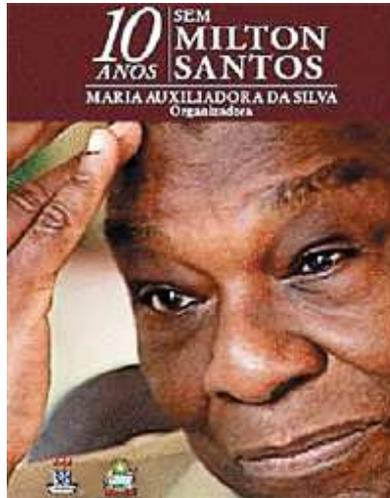
Objetivo do módulo

O objetivo desse módulo é refletir a respeito das relações entre territórios vividos, escola, educação e juventudes, buscando identificar como os diferentes modos de ocupação do território podem influenciar nos modos de ser jovem e na relação desses sujeitos com a escola. Esses são aspectos importantes quando se fala em conhecer a comunidade escolar, um dos pontos fundamentais para a construção do PPP da escola, para o processo de reformulação curricular e para o desenvolvimento de práticas educativas apropriadas a cada realidade.

Boa leitura e bom trabalho!

Maria Zenaide Alves¹ e Igor Oliveira²

Mas, afinal, o que estamos entendendo por território?



O geógrafo baiano Milton Santos é um dos mais respeitados intelectuais brasileiros e conhecido mundialmente pela genialidade da sua obra. Trabalha, dentre outros, com os conceitos de espaço e território, que nos serviram de referência neste eixo.

“O território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer aquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da resistência, das trocas materiais e espirituais e da vida sobre as quais ele influi. Quando se fala em território, deve-se, pois, de logo, entender que está se falando em território usado, utilizado por uma dada população.” (SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2000 p. 96).

Você pode saber mais sobre as ideias de Milton Santos e sobre o livro citado clicando aqui:

http://www.unibem.br/cursos/geografia/homenagens_arq/por_uma_outra_globalizacao.pdf

¹ Pedagoga formada pela UFMG. Mestre em educação e inclusão social pela Universidade do Porto-Portugal. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMG. Integrante do Observatório da Juventude.

² Graduado em História pela UFMG. Mestre em educação pela UFMG e integrante do Observatório da Juventude

A noção de território inclui o uso que as sociedades e comunidades humanas fazem do espaço. Essa noção foi trabalhada pelo geógrafo Milton Santos, como vimos acima. O autor enfatiza que o território é **espaço vivido** e que, por isso, é construído socialmente pelos sujeitos sociais em suas ações. O território engloba a produção da vida humana em sentido mais amplo, envolvendo as dimensões da produção material da existência, circulação e consumo, bem como as dimensões subjetivas, simbólica, cultural, ética, moral, estética, etc. A constituição social dos territórios se dá, então, através das relações que os indivíduos e grupos humanos nele estabelecem. Essas relações no território abarcam conflitos, interesses, convergências e relações de poder. Por exemplo, pense em uma cidade com bairros muito ricos e muito pobres (em geral nas periferias e favelas). Quais bairros são mais visados pela polícia? Quais são mais privilegiados pelo poder público? É assim que a ocupação do território envolve conflitos e disputas de poder, porque são muitos os interesses em jogo. Uma imagem que ilustra bem essa questão é a do mapa mundi noturno, mostrado abaixo, utilizada certa vez pelo próprio Milton Santos para chamar atenção para as desigualdades no nosso planeta. Quanto mais rico o território, mais iluminado. Falaremos mais sobre essa questão.



Fonte: http://verdadessurbanas.blogspot.com/2011_06_01_archive.html

É por tudo isso que conhecer os territórios em que os jovens estudantes vivem e circulam é, sem dúvida, muito importante para compreendermos os próprios jovens, seus estilos, seus modos de ser e estar no mundo; e também para compreendermos a especificidade sócio-espacial da escola onde estamos inseridos. Além disso, conhecer os territórios e mapear suas potencialidades pode nos auxiliar a perceber espaços sociais educativos para além dos muros da escola, fazendo-nos ver os territórios como espaços educativos.

OBSERVANDO FORMAS E TEXTURAS

O que caracteriza o território onde está localizada a sua escola?
É uma metrópole? Um pequeno município? Um município rural?
Em uma cidade portuária, turística, industrial?
Está localizada no litoral? Na floresta? Nos pampas?
Em uma comunidade indígena ou quilombola?
Que contatos com outras realidades esse território tem?
O que caracteriza a juventude nesse contexto?
Você sabe a origem territorial do seu aluno? A sua escola é urbana e recebe alunos do campo?
Como é o contato dos seus alunos com outros contextos territoriais?
De que forma esse contato acontece? Através da internet, de parentes que emigraram, de viagens que eles mesmos já fizeram?

Vamos continuar aprofundando essa conversa? Apresentamos agora algumas reflexões acerca da relação entre **Territórios e Juventude**.

Pensar o tema *territórios e juventudes* exige pensar a maneira como os jovens constroem e dão significados aos espaços, através dos locais que frequentam, dos estilos de vida, da produção de culturas juvenis, dos padrões de consumo, das relações e da sociabilidade. Exige também pensar de que forma os espaços vividos, construídos e (re) significados pelos jovens influenciam em suas escolhas e em seus modos de vida. Por exemplo, se o jovem se envolve com grupos culturais, religiosos ou esportivos, e a escola conhece esse envolvimento, isto pode se tornar um importante elemento de diálogo com esse jovem. Do mesmo modo, se o jovem dá sinais de que está frequentando outros espaços do território, reconhecidos pelo comércio e uso de entorpecentes, isso pode ser uma porta de acesso para abordar as inúmeras questões relativas ao uso e comércio de drogas, assunto que pode ser de interesse da juventude e que pode afetar suas vidas, suas famílias e o ambiente escolar.

Vamos ver dois pequenos vídeos que nos ajudam a pensar sobre essas questões? O primeiro vídeo é intitulado “Diz aí juventude rural - identidade” e nos mostra um mosaico de retratos dos jovens que vivem em zonas rurais do Brasil. Já o segundo vídeo, intitulado “Domingo nove e meia”, foi produzido de forma autônoma por um grupo de jovens de Belo Horizonte e que procura retratar movimentos de apropriação e (re)significação do espaço urbano na cidade de Belo Horizonte.

Explorando outros materiais

<http://www.youtube.com/watch?v=AlhqskKjriw> Link do vídeo “Diz aí juventude rural – identidade.”
<http://www.youtube.com/watch?v=Zx3CrgLVy6Q> Link do vídeo “Domingo nove e meia”.

Gostaram dos vídeos? É interessante constatar que ambos nos mostram a especificidade das juventudes - no campo e na cidade - e suas formas de apropriação, (re) significação, produção e vivência nos territórios. Obviamente que esses dois vídeos não dão conta de retratar os vários “campos” e as várias cidades brasileiras, mas apresentam muitos elementos imprescindíveis para compreendermos a relação entre juventude e território. Vamos refletir melhor sobre as questões que aparecem nos vídeo...

Os jovens no território. Juventudes no campo...



Embora, por questões didáticas, utilizamos dois vídeos distintos, é importante dizer que não é possível pensar o campo e a cidade como se fossem duas coisas isoladas, independentes, desconectadas uma da outra. Ou seja, os territórios não estão fechados nas suas fronteiras. Eles se expandem por meio das sociabilidades e da mobilidade humana e, por essa razão, entendemos que os sujeitos que ali vivem não estão e nem devem estar parados, fixados no campo ou na cidade. Por conta disso, os sujeitos da nossa prática levam para o interior da escola identidades híbridas, ou seja, que contêm elementos diversos, que não estão definidas estaticamente, mas são construídas e

reconstruídas cotidianamente, influenciadas pelo vai-e-vem dentro do território e entre os territórios (vai-e-vem de pessoas, de bens de consumo, de mercadorias, de informações, etc.).

Vamos continuar essa discussão, explicitando o que entendemos por *campo*. Repare que no vídeo alguns jovens referem-se ao território onde vivem como “campo”; outros dizem “zona rural”; outros ainda dizem que vivem “na roça”. Essas nomenclaturas, em geral, são utilizadas como sinônimos. No entanto, carregam significados ideológicos bem demarcados.

Roça é um termo bastante utilizado pelos próprios moradores deste território, sobretudo em algumas regiões do país. Campo é mais utilizado por estudiosos e movimentos sociais do campo, em geral ligados às questões educacionais, em defesa de uma “educação do campo”, ou seja, uma educação pautada nos princípios, valores, necessidades e na diversidade dos povos do campo. Esse termo se contrapõe ao de “educação rural”, pautada nos princípios e valores do capitalismo agrário, do agronegócio, na suposta incapacidade e inferioridade dos moradores do campo e desconsiderando seus anseios, demandas, necessidades e os saberes que trazem para a escola.

Diante dessas três possibilidades, optamos por utilizar a terminologia *campo*, por considerarmos que o termo abarca a diversidade que caracteriza as condições de vida da juventude do campo brasileiro. A opção é política porque a educação, como defende Paulo Freire, é um ato essencialmente político. Assim sendo, a educação para escolas do campo e para jovens do campo não pode ser reduzida a uma adaptação. São necessárias e urgentes práticas escolares apropriadas para os sujeitos desses territórios.

O vídeo “Diz aí juventude rural - identidades” retrata diversos aspectos que caracterizam a condição juvenil no campo e a forma como os jovens se apropriam do território. Pensando nisso, vamos discutir alguns elementos que aparecem nesse vídeo e que nos mostram como os jovens do campo se apropriam do território como espaço de lazer e sociabilidade, de produção cultural, de trabalho, de vivência familiar, de produção de saberes, de construção de subjetividades, etc.

Começemos por dois elementos que são fundamentais da condição juvenil: o lazer e a sociabilidade, que para os jovens do campo podem ser vivenciados por meio do futebol, do jogo de truco e encontros na casa dos amigos - como diz um jovem no vídeo: “fazer janta na casa de um amigo” (encontros que, em algumas regiões do Brasil, são

chamados de resenhas); há também banho nos rios e cachoeiras, bailes e festas comunitárias e outras formas.

O mais interessante nesse aspecto é que em muitos casos os próprios jovens são produtores, organizadores e consumidores desses espaços e momentos, às vezes apenas por diversão, às vezes como uma forma de conseguir dinheiro para suas demandas. É o caso dos concluintes do Ensino Médio, que promovem bailes, bingos e outros eventos, unindo diversão e possibilidade de renda para a formatura.

Eles também se apropriam do território por meio do trabalho, seja no “serviço da roça”, como diz um jovem no vídeo, seja no trabalho doméstico, que muitas vezes nem é considerado trabalho por não ser uma fonte de renda. A escola precisa estar atenta a esses aspectos e saber reconhecer esse jovem na sua relação com o trabalho, tópico que você pode aprofundar no módulo sobre trabalho neste curso.

O vídeo também mostra como os jovens do campo percebem as relações de poder que caracterizam os territórios. Ser da roça, ser do campo, ser trabalhador rural, ser assentado são identidades que podem ser vistas como inferiores em contextos urbanos.

Repare que existem diversos aspectos que compõe essa identidade. Por exemplo, no nosso país as nossas juventudes são marcadas por uma imensa diversidade, que se manifesta em aspectos como a linguagem, os estilos musicais, os modos de vida, os tipos de roupa, os valores, ou seja, a cultura. Infelizmente algumas pessoas entendem o conceito de “cultura” de forma equivocada e, por conta disso, acreditam que uns têm cultura e outros não, ou que uma cultura é melhor que a outra. Por pensarem assim, alguns acreditam que os moradores do campo não têm cultura.

Vemos isso também entre os próprios jovens, com as culturas juvenis, no caso dos estilos musicais, só pra citar um exemplo, em que alguns jovens acreditam que hip hop é melhor que sertanejo, ou que quem gosta de MPB tem mais cultura do que quem prefere axé. Isso é uma visão equivocada do conceito de cultura. É o que chamamos de etnocentrismo, ou seja, quando alguém acredita que o seu modo de ser e estar no mundo é o correto, é o melhor, geralmente com uma postura unilateral. Você pode ampliar esse debate no eixo temático “Culturas Juvenis” deste curso.

O que vemos na juventude brasileira contemporânea é uma diversidade cultural e esta diversidade constitui uma riqueza que a escola pode e deve se apropriar, reconhecendo e afirmando o direito à diferença, desmistificando qualquer hierarquia cultural e apresentando aos jovens outros universos, outras possibilidades. É neste cenário plural e inclusivo, no emaranhado de relações, que se pode discernir - a partir

das culturas - alguns elementos transversais, importantes para todos os sujeitos, como referência para os direitos, a qualidade de vida, a auto-afirmação e o exercício social das liberdades. Mas não se constrói sociedades, nem se educa adequadamente, se a abordagem for excludente, unilateral e negadora das diversidades. Educar para a diversidade e o interculturalismo também é tarefa da escola e seus sujeitos. Observar e acolher o dinamismo dos territórios juvenis faz parte do olhar e ouvir os jovens alunos.

Por exemplo, os jovens do campo, em geral preferem estilos musicais como o Sertanejo, o Modão, o Tecnobrega, a Moda de Viola, mas isso não significa que eles também não possam gostar de Rock, de Rap, de Funk - em geral mais apreciados pelos jovens das periferias urbanas - ou mesmo de outros estilos musicais como a Bossa Nova ou música clássica. Para gostar é preciso conhecer!

Os jovens no território. Juventudes e cidade...

O vídeo “Domingo nove e meia” que vocês assistiram nos traz uma série de reflexões interessantes sobre os modos de apropriação e (re)significação dos jovens do espaço urbano. Ou seja, a partir do vídeo podemos refletir sobre as variadas possibilidades criadas e inventadas pelos jovens de usos dos espaços da cidade. No caso do “Domingo nove e meia”, o vídeo nos mostra que os jovens se valem de um espaço embaixo de um viaduto na região central de Belo Horizonte para fazerem apresentações musicais e performances, realizarem debates sobre a cidade, trocarem materiais, jogarem bola, enfim, para se encontrarem e se relacionarem. Logo no início do vídeo é anunciado o objetivo do evento: “A ideia de fazer da rua um espaço de encontro e mobilização da rapaziada belo-horizontina”.



Cultura Hip Hop. Foto retirada do Blog Duelo de Mc's - http://duelodemcs.blogspot.com.br/2010_08_01_archive.html - Acesso em 07/04/2012.



Casal Punk - foto retirada do blog Stuff - Cultura Punk: <http://stuff-maurilioneves.blogspot.com.br/p/cultura-punk.html> - Acesso - 05/04/2012.

Os territórios urbanos são cenários para diversas culturas construídas pelos jovens. As fotos acima mostram duas diferentes manifestações culturais juvenis urbanas: punk e hip hop. Cada uma expressa diferentes gostos musicais, roupas, acessórios, formas de consumo, símbolos, etc. Entendemos que as culturas juvenis são formas em que as experiências juvenis se expressam de maneira coletiva por meio de diferentes estilos de vida. As culturas juvenis são atravessadas também pelas classes sociais, desigualdades sociais, questões raciais, questões de gênero, etc. Esses estilos de vida distintos, assumidos pelos jovens nas cidades, implicam em comportamentos, roupas, músicas, modos de se relacionar, de passar o tempo livre, etc.

As culturas juvenis urbanas nos mostram também a influência cada vez maior que os jovens recebem de referências culturais globais. O punk, por exemplo, é uma cultura juvenil que nasceu na Inglaterra e que circula por muitas das grandes cidades do mundo. Mas o jovem punk de uma cidade brasileira não é o mesmo jovem punk de uma cidade inglesa, apesar de possuírem vários aspectos em comum. Nas sociedades globais, portanto, as culturas convivem com a tensão entre o local e o global. As cidades nesse

contexto também são permeadas por esses processos. Quanto mais global é uma cidade maior é o grau de diversidade cultural. Os jovens são um bom termômetro para percebermos isso.

Nesse sentido, as cidades e seus espaços são o lugar em que os jovens “desfilam” seus variados estilos de vida e modos de ser. A cidade como lugar do desenvolvimento das individualidades por excelência é, por assim dizer, o grande laboratório de criação, recriação e fomento das culturas juvenis. Ao usarem os espaços da cidade, ao darem significado e sentido a determinados lugares da cidade, os jovens constroem e demarcam territórios por onde circulam. Cada cultura juvenil distinta cria a cidade ao seu modo. Nesse sentido, podemos ampliar nosso olhar e passar a perceber que, por exemplo, determinados bares são frequentados por determinados jovens de uma determinada cultura juvenil ou que determinada praça em determinado dia pode abrigar jovens de estilos de vida variados.

No trânsito e movimentação pela cidade os jovens e suas diferentes culturas vão deixando pistas dos lugares que se identificam. Essas pistas apontam para apropriação e (re)criação dos espaços urbanos por parte dos jovens, ou seja, apontam para os usos que os jovens fazem dos lugares da cidade (do território). Assim sendo, é importante conhecer ou considerar os conhecimentos que os jovens trazem para a escola acerca de suas experiências vividas na cidade. Essas experiências dos jovens podem nos revelar muitas questões sobre as cidades onde vivemos como, por exemplo: A cidade em que vivo é desigual? Como são distribuídos os serviços públicos na cidade onde vivo? Há igualdade de oportunidades? Os diferentes bairros e territórios são tratados da mesma forma pelo poder público municipal?

A ocupação do território e as migrações...

A ocupação do território, como já foi dito, reflete relações de poder. Dentro do território brasileiro as desigualdades entre campo e cidade ou entre Norte e Sul, são visíveis. Do mesmo modo, entre bairros dentro de uma cidade ou entre regiões do campo com características distintas. Essas desigualdades econômicas, políticas e sociais, bem como as diferenças linguísticas e culturais alimentam alguns estigmas relativos aos moradores de determinados territórios. Repare no personagem da charge abaixo:



Condo é hora de cumê, nós come...
Condo é hora de bebê, nós bebe...
Condo é hora de drumi, nós drome...
Condo é hora de amá, nós ama...
Condo é hora de trabaia...
Huuuummmmm...
Aí... nós tudo manda i-meius.

Você identifica esse personagem como um sujeito do campo ou da cidade? Que elementos te levam a essa conclusão? Que estereótipos estão evidenciados a respeito dos povos do campo?

A charge aponta para alguns elementos para a hibridizacão campo-cidade de que falamos no início. Por exemplo, sabemos que o acesso às tecnologias e ao consumo de bens e serviços não é exclusivo do campo ou da cidade. Ou seja, aquela imagem estereotipada e ridicularizada dos povos do campo, retratada pela figura do Jeca Tatu, de Monteiro Lobato, não faz sentido na realidade brasileira atual (se é que algum diz fez sentido). Não é este o jovem que os professores das escolas do campo encontrarão, um sujeito isolado do mundo, fixado no campo e ignorante em relação aos modos de vida da cidade.

Mas o fato é que as desigualdades e as diferenças que inferiorizam alguns territórios acabam por estigmatizar os sujeitos que ali vivem. Não é à toa que muitos jovens que moram na favela evitam dizer seu endereço quando vão procurar emprego. Da mesma forma alguns jovens do campo tentam esconder esse aspecto da identidade quando estão na cidade, como diz um jovem do vídeo “Diz aí juventude rural”, por saber que serão tratados como inferiores.

Aliado a isso, as relações de poder entre territórios, mediadas por interesses diversos, acaba por influenciar ou mesmo estimular mudanças na ocupação do território, ou seja, estimular as **migrações**.

A migração sempre fez parte da história da humanidade e da história do nosso país também. Aqui no Brasil a migração teve características distintas em diferentes períodos históricos: a entrada de estrangeiros no Brasil em diferentes períodos e por razões distintas (africanos, europeus, asiáticos...); a saída de moradores do campo rumo aos

grandes centros urbanos, que alguns estudiosos chamam de **êxodo rural**; a saída de pessoas das regiões Norte/Nordeste para o Sul/Sudeste/Centro Oeste e mais recentemente saída de brasileiros para outros países, a migração internacional.

E você, professor do Ensino Médio, deve estar se perguntando o que tem a ver com isso. Muita coisa! Isso porque os jovens são os principais atores dos movimentos migratórios. De acordo com a Organização das Nações Unidas (2007), jovens entre 20 e 24 anos compõem o grupo mais propenso a migrar dentro dos seus países e entre diferentes países, seguido daqueles situados na faixa etária entre 15 e 19 anos. Por isso é tão importante que a escola problematize com os alunos as questões relativas à ocupação do território, à mobilidade humana entre territórios e as relações de poder que muitas vezes provocam as migrações.

Por exemplo, um jovem do sertão que sofre com a seca ou cuja família foi desalojada pela construção de uma barragem acaba vendo na migração para a cidade o único caminho para a sobrevivência. Ou ainda, um jovem que precisa ajudar no sustento da família e não encontra trabalho na região onde mora acaba tendo que sair em busca de trabalho. Alguns jovens emigram sem data para voltar, outros emigram por um período curto, o que chamamos de **migração sazonal** (o jovem vai para a colheita de café, por exemplo, e retorna ao final da safra).

E você, tem na sua escola jovens alunos que já vivenciaram, sozinhos ou com a família, alguma dessas experiências migratórias? Que marcas a origem territorial pode deixar nos sujeitos? De que modo a história de vida dos migrantes pode ser trabalhada pela escola?

E a escola, como pode lidar com as questões aqui apresentadas?

Explorando outros materiais

Quer refletir melhor sobre essa questão ou discutir com seus jovens alunos? Que tal fazer isso a partir das músicas “Herdeiro da Pampa Pobre”, do grupo Engenheiros do Havaí ou do clássico “Asa Branca”, de Luís Gonzaga? Seguem os links

<http://letras.terra.com.br/engenheiros-do-hawaii/45728/>

<http://letras.terra.com.br/luiz-gonzaga/47081/>

A partir da vivência no território os jovens acumulam diferentes saberes que podem ser explorados dentro da escola e trabalhados por professores de diferentes áreas. Imagine, por exemplo, quantos saberes são necessários para plantar uma horta ou mesmo para organizar um evento cultural, algo que muitos jovens fazem com certa

desenvoltura. Embora nem sempre tenham noção para desenvolver essas atividades, esses jovens precisam lançar mão de conhecimentos da botânica, da matemática, da biologia, da língua portuguesa etc., e a escola pode se apropriar dessas experiências para promover uma aprendizagem significativa.

Outro exemplo. Pensando nas culturas juvenis vivenciadas no território, eles trazem para dentro da escola elementos significativos que podem e devem ser explorados por diferentes áreas.

Os jovens quase sempre utilizam determinada linguagem, gírias, regionalismos ou algumas expressões próprias para diferenciá-los enquanto grupo. Um professor de Língua Portuguesa ou de História poderia utilizar a linguagem própria de cada território para trabalhar questões como a dinamicidade da língua, os diferentes períodos da nossa história manifestos no modo de falar, o sistema de classes e relações de poder, entre outras.

Pensando agora a partir dos desejos de consumo dos jovens, poderiam levantar as diversas denominações dadas ao dinheiro ao longo da história, por diferentes grupos, em diferentes regiões ou ainda outras moedas de troca, além do papel moeda utilizado pelo nosso sistema monetário, formas de financiamento e condições de pagamento. No campo do poder público e da democratização, há também diversas nomenclaturas para ladrões e corruptos: gatuno, salafrário, vigarista, assecla, malandro, infrator, com aspectos psicológicos, sociais e idiomáticos interessantes para o estudo da Sociologia ou da Língua Portuguesa.

Para finalizar, pensemos, por exemplo que professores que trabalham nas escolas dos grandes centros urbanos podem ter sentados, lá na sua sala de aula, jovens que fizeram o percurso do campo pra cidade ou do norte para o sul, assim como professores que estão nas escolas do interior podem ter muitos dos seus jovens com planos de emigrar. Ou ainda, um aluno em sua sala de aula pode ainda ter o pai, a mãe ou dois vivendo distante por terem emigrado. A história de vida desses jovens pode fornecer elementos importantes para trabalhar questões diversas em todas as disciplinas do currículo. Já pensaram nisso? Que tal explorar essas peças para buscar desvelar a juventude que compões sua realidade escolar?

Bem pessoal, esperamos que essa viagem tenha sido tão prazerosa para vocês como foi para nós e desejamos encontrá-los em breve...

Um forte abraço,

OUTRAS CORES

Deixamos algumas sugestões de ferramentas por meio das quais vocês podem aprofundar as questões discutidas:

- ✓ O Vídeo Juventude Rural do Ministério do Desenvolvimento Agrário, que você acessar e fazer o download através do site http://www.mda.gov.br/portal/tvmda/videos-view?video_id=3626279
- ✓ A revista Educação, Sociedade e Cultura que traz vários artigos abordando o tema Escola e Território que você também pode ter acesso gratuito através do site <http://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/pagina20.htm>
- ✓ O livro **Jovens na metrópole: Etnografias de circuitos de lazer, encontros e sociabilidade** organizado por **Bruna Mantese de Souza e José Guilherme Cantor Magnani** procura transmitir à sociedade informações valiosas relacionadas à realidade urbana através da atuação de grupos de jovens na cidade de São Paulo. Informações sobre esse livro clique aqui: http://www.n-a-u.org/licereV11N01_fpd.pdf
- ✓ O documentário “Pro dia nascer Feliz” (2006) do diretor João Jardim, que mostra, a partir de realidades distintas de escolas inseridas em distintos territórios problemas a serem enfrentados pelo sistema educacional brasileiro.
- ✓ Artigos Territórios juvenis. Por Paulo Carrano. <http://www.blogacesso.com.br/?p=110>

COMPARTILHANDO FRAGMENTOS

Vimos neste Eixo Temático que os diferentes territórios proporcionam diferentes vivências juvenis.

Vimos também que as características do território são múltiplas:

se é uma metrópole, um pequeno município, um município rural...

Se é uma cidade portuária, turística, industrial...

Se está localizada no litoral, na floresta, nos pampas...

Se é uma comunidade indígena ou quilombola...

Se recebe imigrantes internos ou internacionais ou se é um local de partida dos movimentos migratórios...

Enfim, todas essas características do território influenciam nas vivências juvenis e os jovens, certamente, levam tais influências para dentro da escola.

Sendo assim, conte para nós aqui no fórum algumas características do território onde sua escola está localizada e que relação você percebe entre esse território, os jovens e a relação deles com a escola.

COMPONDO O MOSAICO

Agora que vocês já sabem quais são os elementos propostos neste módulo para desvelar o mosaico da juventude, precisamos que vocês contribuam com outras texturas. Nessa atividade, que é obrigatória, você vai fotografar o território onde está localizada a escola em que você trabalha e postar no seu Portifólio. Escolha entre 5 e 10 fotos, coloque uma legenda com o nome do local ou a ocasião em que a foto foi tirada e escreva, para cada foto, um parágrafo explicando o motivo da escolha da foto.